

# É possível fazer oposição em “tempo de guerra”?



“No combate a esta calamidade [do coronavírus], o PSD não é oposição, é colaboração”, declarou Rui Rio no Parlamento, na votação do estado de emergência

A pandemia uniu Governo e oposição, mas as tréguas são transitórias. Vai haver “espaço e de sobra” para a luta política. A resposta dos outros países também será uma bússola para a oposição em Portugal

## Combate político Marta Moitinho Oliveira

18 de Março, Assembleia da República. O líder do maior partido da opo-

sição afirma: “Neste combate, este não é o Governo de um partido adver-

sário. É o Governo de Portugal, que todos temos de ajudar neste momento. No combate a esta calamidade, o PSD não é oposição, é colaboração.” A crise sanitária aberta pela covid-19 pôs o mundo em guerra contra um vírus novo e a habitual luta entre partidos vive agora tempos diferentes. A oposição parece estar em *stand by*. Mas será que está?

“Na conjuntura imediata existe uma aparente dinâmica de unidade nacional e de apoio ao Governo e às instituições representativas”, defende o

investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa António Costa Pinto. A ideia de unidade está presente em declarações e votações. O primeiro pacote de medidas de resposta ao novo coronavírus foi aprovado pelo Governo e recebeu luz verde da Assembleia e entre os *players* principais só o PCP se absteve. No estado de emergência, que restringe a liberdade de circulação, também não se registaram votos contra.

A politóloga Marina Costa Lobo, investigadora também no ICS, explica que “nestes primeiros tempos há objectivos urgentes de controlo da pandemia que são comuns a todos os partidos”. Além disso, há “factores institucionais que contribuem para que haja uma frente comum”: Portugal tem um Presidente da República e um governo de partidos que, juntos, representam a maioria do eleitorado. O executivo não tem maioria no Parlamento, e tem de procurar consensos, e o líder da oposição afirma-se social-democrata, cortando com o período de austeridade anterior.

Outro factor que, para Marina Costa Lobo, ajuda a enquadrar o papel da oposição é a circunstância de se tratar de uma crise que vem de fora. “De facto, ‘o diabo chegou’, como vaticinava Passos Coelho em 2015. Mas não por causa do expansionismo económico da ‘geringonça’.”

### Unidade não é unicidade

Se assim é, a oposição fica sem função? Não. “Unidade e unicidade não são a mesma coisa”, assinala Nuno Garoupa, professor da área do Direito na George Mason University, nos EUA. “Não acho que uma crise como esta justifique suspender a oposição. Se justificasse, haveria um governo de salvação nacional. Não havendo, o Governo governa e a oposição deve escrutinar com bom senso”, diz, acrescentando que em Portugal a oposição está a “mostrar isso”. “Ou seja, a criticar pontualmente, a exigir mais ciência, mas a permitir ao Governo governar”, explica.

Costa Pinto e Garoupa reconhecem que a redução dos trabalhos parlamentares, para reduzir o risco de

contágio do coronavírus, diminui a visibilidade da oposição que, como diz o professor a viver nos EUA, “tende a desaparecer”. Mas o politólogo do ICS acrescenta uma *nuance*. “Estamos com uma oposição que parece estar numa espécie de *stand by* sob o ponto de vista das atitudes formais.” Porém, “a pluralidade mantém-se” e a democracia não foi suspensa, como defenderam o Presidente da República e o primeiro-ministro nas explicações ao país sobre o decreto do estado de emergência.

Um dos exemplos do trabalho que a oposição pode fazer neste cenário de emergência sanitária e emergência económica é o do anúncio de linhas de crédito para apoiar as empresas que têm de parar a produção. O Governo anunciou a criação de linhas de crédito, os partidos à esquerda do PS, BE e PCP, defenderam que as empresas que tivessem acesso às linhas de crédito não deviam poder despedir os trabalhadores – sem que esta posição os impedisse de viabilizar as medidas e o estado de emergência – e a Confederação Empresa-

## Governo aprovou apoios às empresas, mas incorporando-lhes condições – não haver despedimentos – exigidas pela esquerda

rial de Portugal (CIP) – que representa a indústria – já veio dizer que “só salvando as empresas podemos salvar os empregos” e que “não se pode inverter a ordem”. E, assim, com as exigências do BE e PCP se construiu a medida final.

Mas há outro exemplo que mostra como a oposição pode manter o papel de escrutinador, enquanto apoia o executivo nas medidas que está a tomar. Ao mesmo tempo que desejou “nervos de aço, coragem e sorte” a

António Costa – “a sua sorte é a nossa sorte” –, Rui Rio avisou que os investimentos que têm de ser feitos devem ser na Saúde, e não em aeroportos: um tema que estava a causar fricção entre Governo e PSD antes desta crise.

“Há que distinguir as direcções dos partidos e a pluralidade” noutros espaços, diz Costa Pinto, acrescentando que as redes sociais e a opinião publicada também têm sido usadas para afirmar a pluralidade de pontos de vista e referindo que “nem o PCP tem deixado de manifestar todas as suas posições, nem as intersindicais ou confederações empresariais”. Depois desta reacção, “haverá – e de sobra – espaço para os partidos fazerem oposição”, diz Costa Pinto, quando a crise entrar em pleno na fase da emergência económica, o que pode ser quase imediato.

Até porque “difícilmente estará nas mãos de um governo nacional cumprir as expectativas da população que, nestas situações, pede mais ao Estado do que este pode dar. A procura social da resolução de problemas vai ser gigantesca. Numa conjuntura de catástrofe, a sociedade pede respostas aos dirigentes nacionais. Mesmo que a resposta venha mais de instituições europeias, no nosso caso”, explica o professor de Ciência Política.

Marina Costa Lobo adianta uma forma de a oposição desempenhar o seu papel. “A forma como a gestão da crise ocorre em Portugal será avaliada em tempo real, em comparação com outros países.” Os partidos devem estar atentos a isto, defende.

“A oposição far-se-á sentir mais quanto piores forem sendo os resultados”, afirma a investigadora, prevendo que o Governo português vai ser “escrutinado em comparação com outros países”, ao ritmo das medidas e dos seus resultados.

E recorda o que está a acontecer em Itália e em Espanha, mas sobretudo no primeiro caso, onde “a oposição já se faz sentir”, exigindo mais medidas ao Governo de Giuseppe Conte.

marta.oliveira@publico.pt



**Data:** 23.03.2020

**Título:** É possível fazer oposição em "tempo de guerra"?

**Pub:**

**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Nacional

**Pág:** 20;21



## **Numa conjuntura de catástrofe, a sociedade pede respostas aos dirigentes nacionais. Mesmo que a resposta venha mais de instituições europeias, no nosso caso”, diz António Costa Pinto**

Área: 914cm<sup>2</sup> / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6780368